



CAPÍTULO 2

Eram raros aqueles momentos em que os três estavam juntos. Por isso que ela, a mãe, sempre ausente por conta do trabalho, agora se divertia ao descobrir que Breno, o caçula de dez anos de idade, já estudava fórmulas matemáticas que ela não lembrava mais como resolver. Como é que os professores tinham coragem de mandar uma lição de casa daquela? O duro é que o pequeno precisava de uma boa nota em Matemática, e ela ia aproveitar cada minuto que tinha daquela noite para ajudá-lo. Na cama ao lado estava Pedro, seu filho mais velho, com dezessete anos e uma invariável cara de quem chupou limão apanhado na viçosa árvore da adolescência. Nos últimos anos Pedro foi adquirindo uma personalidade cada vez mais introspectiva dentro de casa, voltando a ser o garoto descontraído apenas quando estava com os amigos de sua turma do condomínio. Raquel lançou um olhar para o filho mais velho, que navegava em seu tablet, olhando fotos antigas de família. O filho olhou para a mãe e suspirou.

— O que foi, querido?

— Já estou cansado disso, mãe. Quando vou poder voltar pro meu quarto?

— A defesa pediu um recesso, e o juiz acatou, Pedro. Assim que terminar esse recesso isso tudo acaba. De vez.

— Não sei por que esses caras dão tanto boi para esses malandros. O papai não dava boi pra ninguém.

A mãe sorriu e tornou a olhar para a apostila do filho mais novo.

— Só falta um.

— Acho que pela lógica só vão sobrar os rinocerontes nessa floresta, mamãe.

— Por quê?

— Porque os rinocerontes são mais fortes que os leões e os chimpanzés. Os leões acabariam comendo os chimpanzés e iriam ficar lentos, com a barriga cheia, daí os rinocerontes atropelariam eles. Há! Há!





— Engraçadinho. Mas não é com essa lógica que a sua professora está lidando. Vamos ter que quebrar a cabeça aqui e conseguir resolver com as fórmulas que você estudou nessa semana. Eu sabia fazer isso, eu juro.

— Ih, mãe, seu negócio é direito penal, você mesma diz. Matemática é coisa do Pedro. Ele é bom com números.

A impressora ao lado da cama do menino começou a funcionar. Uma folha especial para impressão de fotografias começou a descer pela boca de alimentação. A mãe olhou para Pedro, que fechava o notebook e o colocava sobre um móvel improvisado ao lado do colchão e virava-se de lado, cobrindo-se até a cabeça.

A foto que saiu da impressora apagou o sorriso da boca da mulher.

— É a mesma foto que você colocou no meu carro, filho?

Pedro limitou-se a concordar com a cabeça.

Era uma foto dos dois filhos, com bermudões, e com o pai ao centro, todos sentados sobre a longboard do marido. Ela tinha tirado aquela foto, com medo de molhar a câmera. Todos felizes da vida em férias na praia do Lázaro, em Ubatuba. Aquela era a praia preferida dela, onde podia sentar na areia e descansar ou brincar nas águas calmas com os filhos. Breno era ainda um bebê praticamente, não tinha nem três anos, enquanto Pedro deveria ter por volta de nove. Davi preferia praias mais mexidas, onde escolhia entre a longboard ou a gunzeira, suas favoritas. Pedro tinha aprendido a surfar com o pai, mas, depois do assassinato de Davi, o surf parecia ter ido embora junto, uma vez que tornara-se um retorno insuportável aos dias felizes ao lado de quem mais sentia falta naquela altura da vida, quando os meninos sabem que já devem ser homens. A falta avassaladora tinha criado um silêncio que nunca havia existido naquele lar. E um pacto também. Os filhos não reclamavam da ausência da mãe por conta do trabalho. Sabiam que ela, no papel de promotora de justiça, além de trabalhar, também lutava para vingar a morte do marido. Davi tinha virado alvo do maior traficante do país, o Djalma Urso Branco, ao condenar seus principais soldados, um a um, sem jamais ceder ou temer as constantes ameaças deflagradas pelo bandido. Ameaças públicas que, após o assassinato de Davi, tinham virado munição para o primeiro petardo disparado pela promotora, conseguindo pôr atrás das grades mais dois importantes homens do esquema de Djalma e, em seguida, alçando a promotora à categoria de heroína nacional. Desde a morte do marido até a decisão de caçar vorazmente o homem que tinha prometido matar o pai de seus filhos, seu nome não saía mais das manchetes de jornais impressos, eletrônicos e televisivos. A promotora era uma mulher adorada pela massa, pois, igual ao marido, não tinha medo daqueles vermes amaldiçoados que disseminavam o mal a cada esquina da capital paulista em forma de pedras de crack, óxi, papелotes de cocaína e munição para o seu exército do tráfico. Por culpa





do verme aquela foto nunca mais seria repetida naquela praia. Ela segurava na mão a fotografia quando uma batida seca na porta retirou-a do torpor. Breno ainda rabiscava na apostila brigando com números, fórmulas, chimpanzés e rinocerontes enquanto ela dirigiu-se à porta e abriu-a. Era Ricardo, o agente que comandava o grupo de federais que faziam a guarda de sua família.

— Novidades?

— O juiz suspendeu o recesso e está chamando todo mundo.

— Quando?

— Agora mesmo, Raquel. Quer todo mundo lá.

— Me dá dois minutos, vou me trocar e seguimos para lá.

Ricardo aquiesceu, deixando a promotora de longos cabelos ruivos para trás.

Raquel ficou imóvel por alguns segundos à porta do quarto, olhando primeiro para o pequeno Breno, que ainda rabiscava a apostila, e depois para Pedro, que tinha descoberto a cabeça e a olhava. Aquele pacto de silêncio estava chegando ao final de seu ciclo. Aquela noite, quando a condenação do maldito Djalma fosse consumada, sua família seria libertada do cativo psicológico ao ver o assassino do homem que amavam pagando pelo seu crime atrás das grades. Pedro voltou a deitar-se, e então Raquel foi para seu quarto. O agente Flávio, que estava no corredor, deslocou-se com ela até a porta do quarto da promotora e ficou ali, aguardando que ela se banhasse e se aprontasse para voltar ao tribunal.

No quarto, Breno levantou a cabeça da apostila, não calculava mais nada e fazia o desenho de um rinoceronte. Virou-se para o irmão encoberto e ficou batucando com o lápis na ponta da apostila.

— Eu sei que você não está dormindo, Pedro.

O irmão continuou em silêncio enquanto Breno apanhava a fotografia da bandeja da impressora.

— Eu não vou falar pra mãe nem pro Ricardo, mas dessa vez eu quero ir com você.

Breno deixou a fotografia em cima da impressora e voltou a sentar em sua cama. Recostou-se à parede, escorando-se em um fofo travesseiro, olhando para o irmão na cama improvisada do quarto. Aquela tinha sido uma semana tensa, e por isso Ricardo achou melhor deixar os irmãos no mesmo quarto, para que a vigilância ficasse concentrada em um lugar da casa durante toda a semana do julgamento. Breno sabia que o irmão às vezes conseguia driblar os seguranças para dar uma volta pelo condomínio sem receber olhares esquisitos dos amigos, já que tinham chegado com um bando de guarda-costas na sua cola. Breno já achava divertido e gostava de se exibir com os agentes federais fazendo sua proteção na escola e no condomínio. Ninguém ia se meter a engraçadinho com ele na hora do intervalo. Naquele momento sua cabeça não estava mais





nos exercícios da apostila. O pequeno Breno tentava solucionar a equação que colocaria o seu irmão na rua, livre dos seguranças, muito provavelmente para se encontrar com Chiara, a menina mais gata da vizinhança e que era doidinha por ele. Breno sorriu e também se deitou, puxando uma HQ de *O turno da noite* debaixo do seu travesseiro. O lance era não dormir, que tudo ia dar certo. Vinte minutos mais tarde ouviu o ronco do portão automático da garagem que ficava bem embaixo do seu quarto, e então o motor das duas picapes da Polícia Federal saindo, levando a mãe para o fórum. Breno olhou a hora em seu celular. Eram nove e meia da noite. O pequeno continuou ansioso, lendo os quadrinhos dos vampiros que tinham virado matadores de aluguel, tentando imaginar quando o irmão se mexeria para saírem dali. Então, depois de se arrastar uma hora inteira, arrepiou-se da cabeça aos pés ao ouvir três batidas secas na porta. Baixou a revista e fingiu dormir. A porta se abriu. Breno já sabia o que aquilo significava. Um dos agentes vinha a cada duas horas dar uma checada em como estavam as coisas no quarto. Alguns segundos de silêncio, então a porta se fechou mais uma vez. Breno ficou paralisado, quieto, imaginando se o agente ainda estava atrás da porta, com o ouvido colado na madeira, tentando escutar se estava sendo enganado ou não. Não ousou nem abrir a HQ novamente, ficando calado e imóvel, até que escutou Pedro se mexendo. Olhou para o sofá-cama instalado no quarto e viu que o irmão amarrava os tênis, preparando-se para sair.

— Eu vou.

— Porra, não fode, Breninho. Você vai me atrasar a vida.

Breno levantou-se, sem dar ouvidos ao irmão, e já foi pegando seu par de tênis também.

— Você sabe que a gente só tem duas horas, não é? Daqui a duas horas eles voltam para olhar o quarto.

— Eu sei, Pedro. Eu também moro aqui. Sou seu irmão pequeno, mas não sou tonto.

Pedro, contrariado, esfregou o rosto e os cabelos vermelhos como fogo.

— Tá, moleque, mas é o seguinte: a parada é sinistra pra sair daqui. Não é moleza.

— Eu vou com você. Você me ajuda.

— Cê manja de parkour?

— Aquela zica de ficar pulando de prédio?

— É.

— Você me ajuda?

Pedro bufou. Foi até o banheiro e escovou os dentes rapidamente, imitado pelo irmão. Então Breno parou e ficou olhando para Pedro.

— Como é que você sai? Eu sei que você sai. Só não sei como.





— Tá falando daquele dia em que eu deixei o bilhete grudado na sua testa?

— Com durex. É. E fez bem, porque se eu acordasse ia procurar você.

Não ia te dedar, pelo menos não de propósito, né?

— Vem cá — Pedro chamou para perto da janela o irmão.

— Eles prendem a gente...

— Protegem, Pedro. Eles protegem.

— Tá, papagaio da mamãe. Eles “protegem” a gente colocando alarmes nas nossas portas e nas nossas janelas. Eles usam um sistema de alarme muito simples, que é de duas chapas de contato, tá vendo isso aqui?

Breno abaixou-se para olhar mais de perto. A luz que entrava no quarto vinha do banheiro e do poste da rua do condomínio. Mesmo assim, ele conseguiu ver um objeto de metal embaixo da janela.

— Se eu levantar a janela, esses contatos de metal se separam e abrem o circuito, disparando o alarme pela interrupção da corrente.

— Hum, então o jeito é abrir mantendo esses contatos grudados?

— Isso aí, garoto esperto!

Breno sorriu, percebendo um genuíno orgulho do irmão, que normalmente abria a boca para reclamar da vida e do quanto ele, Breno, era pentelho e chato.

— Só que isso dá trabalho e dá bandeira. Às vezes os agentes fazem rondas ou tão de olho nas câmeras que colocaram na frente de casa e nos fundos.

Breno ergueu os braços, aturdido.

— Mas, se você não sai pela janela, como é que faz?

— Quando o Ricardo me mudou pra cá, eu até pensei que não ia conseguir sair, mas, felizmente, a planta do seu quarto é igual à do meu, e à do seu closet também — finalizou Pedro, puxando Breno para dentro do closet e acendendo a luz.

— Vem até aqui.

Breno seguiu Pedro até o fim do closet.

— É por aqui que a gente sai, cabeçudo. Cuidado para não enroscar essa cabeçona aí pela passagem quando estiver saindo.

— Cala a boca, Pedro! — reclamou Breno, dando um soco no braço do irmão.

Pedro riu e voltou ao quarto.

— Antes de sairmos, chega aí.

Voltaram até as camas, e Pedro ensinou-o a fazer um corpo falso, juntando cobertores e travesseiros e cobrindo tudo com uma manta.





— Eles só abrem a porta e não fazem barulho pra não acordar a gente. Eles dão uma olhadinha no escuro, veem que estamos capotados e pronto, voltam para a televisão.

— Da hora! — exclamou o pequeno Breno, dando um abraço no irmão.

Por dentro, o coração de Breno batia disparado. Ele já tinha aprontado uma ou outra, desobedecido a mamãe e tudo, mas aquilo era um mundo novo para ele. Era uma contravenção de primeira classe, e com a instrução do irmão mais velho. Estava feliz da vida. Pedro apagou a luz do banheiro e também a luz do espaçoso closet. Tirou de uma gaveta alta uma lanterninha com um facho poderoso e estendeu-a ao irmão.

— Segura aí.

Pedro, já acostumado às escapadas, subiu até o teto usando as próprias gavetas reforçadas do móvel, que rangeram um pouco sob a pressão do seu peso, mas o suportaram até que ele tirasse a tampa de acesso ao sótão e então se içasse para o compartimento.

— Agora vem.

Para o contentamento do irmão mais velho, Breno foi bem decidido, subindo pelas gavetas, imitando-o sem vacilar. A única dificuldade era a menor estatura do irmão, que obrigou-o a se pendurar para fora da passagem a fim de alcançar a mão do caçula e puxá-lo para cima. Pedro afastou Breno para o lado e, com agilidade, recolocou a tampa no lugar.

— Cuidado onde pisa e não encosta nessas vigas, se não quiser ficar com a roupa imunda — recomendou o irmão.

— É escuro aqui.

— Pois é. A vida é lá embaixo. Passa a lanterna.

Pedro jogou o facho de luz para os lados, dando uma ideia para o irmão do tamanho daquele sótão.

— Essa latinha de Coca-cola aí do seu lado, cuidado para não chutar.

— Por quê?

— Primeiro, vai fazer um barulho nervoso, e já era a gente sair daqui. Corremos o risco até de tomar um tiro se eles acharem que são os caras.

— Tá, nem precisa falar mais nada.

— Outra coisa. Ela é que mostra pra gente onde a tampa do closet está.

— Maneiro.

— Agora, vem, bem devagar, no sentido do meu quarto.

Os dois irmãos foram andando, pé ante pé, aprofundando-se no sótão, em direção ao fundo da casa. Vinte metros para a frente Pedro parou, imitado por Breno. O mais velho se abaixou e retirou uma nova tampa do chão.

— Eu vou primeiro, e você vem depois.





Breno olhou para o cômodo abaixo, iluminado pela lanterna do irmão.

— O quarto da Maria.

— Isso. Ela não vem no fim de semana. E eu já me ajeitei com ela. Ela é da hora, e não é dedo-duro.

Pedro ergueu uma escada de alumínio colocada estrategicamente ali ao lado do alçapão. A escada desceu até tocar o colchão da cama do quarto de empregada, propiciando a descida dos dois irmãos. Pedro desceu devagar. Sabia que ali era mais sossegado quanto ao barulho, já que os agentes da PF ficavam na parte da frente da casa. Diminuiu a escada retrátil e escondeu-a debaixo da cama da Maria.

— Agora vem a parte do parkour. Está pronto?

Breno fez que sim com a cabeça.

Pedro abriu a janela do quarto da Maria e passou as pernas para fora. Ali não existiam alarmes nem câmeras da Polícia Federal.

— Veja como é que eu faço, e é só repetir. Você é menor e mais leve, então não tem erro, é até mais fácil pra você. Não vai ficar com cagaço agora, porque daqui não dá pra voltar atrás.

Breno engoliu em seco e ficou olhando Pedro se segurar na beira do batede da janela e deslizar o corpo para baixo. A janela da Maria dava para o jardim de Raquel, onde existia um pergolado de madeiras largas. Usando-a como base para seus passos, Pedro foi lentamente caminhando até a beirada da estrutura. As madeiras eram colocadas paralelas sobre postes, estes também de madeira, que serviam de suporte para o crescimento de uma sorte de trepadeiras.

— Assim que você vai fazer, Breno.

Os olhos do garoto ficaram grudados no irmão, que fechou as pernas, caindo entre duas traves, nas quais fincou as mãos, reduzindo a velocidade da queda e fazendo um pouso fácil no gramado.

Tum, tum, tum. O coração batia tão acelerado que o garoto sentia a pele do pescoço pulsando. O medo era intenso, mas, longe de ser um obstáculo, era um combustível para continuar, vencer e estar com o irmão. Deslizou meio que desajeitado até tocar no primeiro tronco, então soltou-se da janela e teve que abrir as pernas mais do que o irmão para se equilibrar, depois de se soltar. Quase gritou, abafando o som ao fechar a boca e deixar escapar só um rosnado, seu pé foi para a frente e teve que descongelar o outro para não cair. E então, desajeitado, foi se encaminhando para o final do suporte, já imaginando se teria coragem para simplesmente fechar as pernas e se deixar cair da mesma forma que tinha feito o irmão, como um morcego se lançando ao vazio antes de alçar voo. Contudo, só descobriria se teria coragem ou não para tal façanha numa próxima escapada, posto que no terceiro passo perdeu o equilíbrio e seu pé





escorregou da madeira, fazendo-o cair de lado, batendo com força contra a estrutura e indo de costas ao gramado.

Foi a vez de Pedro abafar o grito e ficar com o coração disparado. Seu irmão caçula se contorcia no chão, girando de um lado para o outro. Correu até Breno e se ajoelhou, ia lançar uma pergunta quando ouviu o riso contido pelas mãos querendo escapar da garganta de Breno, o que lhe gerou bastante alívio.

— Seu doido! Se machucou?

— Só dói quando eu rio — brincou.

— Vem. Não acabou. Ainda estamos no nosso quintal.

Pedro puxou Breno, que o seguiu mancando. Em certa altura da cerca de sansão do campo havia uma brecha por onde os irmãos se esgueiraram, deixando os limites da propriedade da promotora Raquel. Invadiram o quintal de um vizinho e atravessaram para o quintal da rua de trás.

— Por esses dois quintais não tem cachorro, por isso que eu vou pra trás de casa antes de pegar a rua. Se a gente passa na frente de casa dá muito na cara — explicou o experiente fugitivo.

Apesar da hora, as ruas estavam já um bocado silenciosas.

— Aonde você vai?

— A Vanessa tá dando uma festa na casa dela. Ela me mandou um SMS avisando.

— Hoje? Dia de semana?

— Ué... Qual é o problema? Dia de semana é proibido por acaso, nenezão?

Breno fechou a expressão e deu um soco no ombro do irmão.

— Ei! Para com isso. Sua mão tá ficando pesadinha já. Vou te ensinar uns golpes amanhã.

Chegaram à rua lateral da casa deles e começaram a descer em direção à residência da Vanessa. A menina morava a quatro quadras de distância, coisa de trezentos metros dali.

— Tem mais, os pais dela estão viajando nessa semana e na outra. A essa hora estão num cruzeiro marítimo. Já pensou? Ficar duas semanas no meio do mar?

— Deve ser da hora. Deve ter muita coisa legal pra fazer num transatlântico.

— Ô se tem. A mamãe tá pensando em levar a gente pra um cruzeiro marítimo no fim do ano, pra comemorar esse lance que vai acabar.

— Vai acabar hoje, disse ela.

— Tomara, não aguento mais dormir no seu quarto sentindo os seus peidos fedorentos.

— Ah! Olha quem fala... Você acha que o seu apelido é Foguete por causa do seu cabelinho vermelho, é?

Os irmãos riam enquanto desciam a rua.





O som reverberava alto na sala, fazendo a água do aquário, para o qual olhava, vibrar e soltar gotinhas para cima. Provavelmente os caros peixes ornamentais do pai da Vanessa estariam mortos antes do fim da madrugada se ninguém reduzisse o volume de “insuportável” para “alto o suficiente”. Ela mal conseguia ficar sentada no sofá, empurrada de cinco em cinco segundos pelas costas finas e pontudas do Gepeto, atracado a Nana há mais de uma hora. O som insuportável, os cutucos do amigo e as biritas nas ideias quase derrubaram o controle do game da sua mão. Ela sorriu. Nem em seu sonho mais lindo aquela festa iria estar assim, tão perfeita.

— Chiara, quer outra breja?

— Mané, breja, Jéss. Eu quero é subir nas costas dessa Hidra aqui e passar pro próximo monstro. — Jéssica ficou olhando para Chiara.

— Tá. Se você tá feliz assim.

Chiara, sem despregar os olhos da TV de plasma, retrucou:

— Eu nunca estou feliz, cara. O único jeito de eu ficar quase feliz é quando a gente tá de galerão nas bikes, descendo montanha a milhão, sem pensar em mais nada. Aí eu fico feliz pra caramba. Ou quando eu termino um game que nem esse aqui.

Jéssica riu da amiga enquanto virava uma long neck na boca. Ia deixá-la em paz, subindo nas costas da tal da Hidra, caso não tivesse visto ELE entrar. Ele era só o cara mais fofo de todo o bairro e um dos poucos que não tinham papo de besta naquela turma. Seu nome era Pedro, fizera dezessete havia duas semanas, não tinha aquele jeitão másculo dos meninos mais velhos, mas seu sorriso era confiante, os olhos fritavam o coração de qualquer otária e os cabelos vermelhos de nascença eram os mais arrepiados do pedaço. O corpo era magrelo e sem graça, e já fora tema de muito tititi entre as garotas que não entendiam como aquele franguinho conseguia tirar o fôlego delas sem fazer o menor esforço. Talvez fosse justamente o jeito descontraído e desprezioso, sem dar muita bola para nenhuma delas e simplesmente rindo junto das meninas, que o fazia brilhar, e tinha aquele lance do sorriso. Que sorriso era aquele do Foguete? O moleque tinha uma boca que dava vontade de passar com um rolo compressor por cima de qualquer piranha que ficasse perto dele só para ser a sortuda que ia chegar primeiro e acabar ganhando um beijo do príncipe encantado. Às vezes as meninas da turma chamavam ele de príncipe, sim, porque o Foguete não chegava babando e se esfregando que nem os outros carinhas. Os outros pareciam uns tarados sem educação. Pedro era diferente. Era divertido, engraçado e, apesar do jeito maduro com que falava às vezes, era leve como tomar picolé de limão num dia de sol, como faziam quando tinham nove anos de idade no recreio da escola. Jéssica tomou mais um gole de sua cerveja e piscou os olhos umas dez





vezes. Pedro tinha todas aquelas qualidades, mas já estava na mira de sua melhor amiga. O jeito era colocar a viola no saco e ajudar a camarada a garfar o ruivo.

— Chiara... — murmurou Jéssica.

— Hum — grunhiu a menina, entortando o controle do videogame.

— Olha só quem tá entrando.

— Não enche.

— É ele. O seu Foguete.

Chiara se atrapalhou ouvindo aquilo e caiu das costas do titã no qual tentava bater.

— Odeio esse menino — resmungou, virando-se para trás, balançando o controle e apanhando a cerveja da mão da amiga. — Sempre perco quando ele aparece.

— Odeia? O Foguete? Vocezinha?

Chiara olhou para ele entrando e abraçando a Vanessa. Saco! Detestava aquele sorriso maroto na boca dele. E que boca! Maldito moleque gostoso dos infernos! Ela odiava Pedro por mais uns quinze motivos. Ele era o único que fazia aquilo com a barriga dela, fazia ela ficar dura e parecer que tinha uma pedra de gelo ali dentro. Fazia com que ela, justo ela, a mais descolada e decidida, e mais fodona das amigas, se sentisse de pernas bambas. Não era toda vez que o otário fazia ela ficar de pernas moles, mas, quando o fazia, Cristo! Era duro dar um passo para longe dele! E ela mordida os lábios quando tentava disfarçar seu interesse, e também sentia ódio de outro efeito colateral que fazia todas as amigas se ligarem, apesar de todos os protestos e negações que ela vomitava em seguida. Ele a fazia tagarelar que nem uma louca varrida, sem parar e, muitas vezes, sem falar coisa com coisa, e a fazia parecer com uma groupie retardada de banda pop. Depois de passar uma manhã inteirinha trancada no quarto só pensando em como seria bom beijar aquele idiota da cabeça aos pés e ficar agarrada nele uma vida inteira, ela tinha decidido ficar focada em parar de parecer uma imbecil quando ele aparecia. Missão número 1: manter a boca calada quando ele estivesse por perto. Foi por isso que ela deu de ombros e respondeu:

— Odeio. Ele se acha muito pro meu gosto.

— Cala a boca, Chiara! O Pedro é o cara mais gente boa do colégio inteiro.

— Então pega ele pra você.

— Ai, Chiara! Sabia que você me irrita?! Até parece que você quer que eu pegue o Pedro! Quer que eu tente? Eu me garanto? Se existe uma coisa que eu tenho que moleque nenhum despreza é isso aqui — brincou Jéssica espremendo os seios com os braços no meio do decote.

— Deixa de ser ridícula, garota! — explodiu Chiara, dando um pause no game e levantando. — Fica quieta, e não aponta essas coisas pra ele ou eu te mato.





As duas riram um bocado e voltaram a olhar para o Foguete. Ele ainda estava falando com a Vanessa quando finalmente a anfitriã saiu da frente da porta, deixando mais um garoto entrar. Era Breno, o irmão mais novo de Pedro. Chiara sorriu e olhou para Jéssica.

— Olha como o Foguetinho cresceu. Ah! Ah! Ah! Já está ficando com aquela cara de homenzinho do Pedro. Olha a boquinha. Igualzinha — comentou Chiara.

— Pode crer.

— Aí, você espera mais uns cinco anos, Jéss, e pode ficar com ele.

— Sem graça. Fica aí vacilando com o Pedro que você vai ver o que te acontece. A fila anda, santa.

— Meu maior perigo agora é a Vanessa. Toda cheia de graça pra cima do Pedro.

— A Vanessa?! Chiara, não viaja!

Chiara continuou olhando para a porta enquanto colocava o cabelo para trás. Sua mãe tinha surtado quando ela apareceu com o cabelo raspado na nuca, bem baixinho, deixando só uma franja negra, longa e brilhante escorrendo na testa. Estranhou o fato de os irmãos estarem desacompanhados dos indefectíveis agentes da Federal. Aqueles caras iam até o banheiro com eles, um saco. Muita gente fazia chacota dos dois por viverem com os policiais na cola, e Chiara não era das que engrossavam esse coro. Ela sabia muito bem o porquê daqueles seguranças. Não eram filhinhos de madame. Ela sempre defendia Pedro das brincadeiras nas rodas que se formavam depois que ele passava, dizendo que queria ver como neguinho iria para a escola sabendo que tem um marginal motherfucker babando para botar as mãos em cima de você. É óbvio que eventualmente ela até se sentia aflita. Imaginava isso acontecendo, um dos capangas do Urso Branco deitando os dedos em Pedro e Breno e enrolando os dois em arame farpado. Antevia as imagens na TV, com manchetes e tudo, o sensacionalismo em torno dos corpos carbonizados em uma fogueira feita de pneus, encontrados em um descampado qualquer. Podia ver a mãe de Pedro chorando, agarrada aos caixões dos filhos. Era terrível só de imaginar, e depois se pegava chorando com medo de Pedro aparecer morto; Chiara entregou os pontos e pôs fé que estava mesmo apaixonada pelo carinha. Ele tinha dezessete, ela, dezesseis. Tinham tudo para dar certo. Chiara sabia que Pedro olhava mais para ela do que para as outras. Assim, não tinha certeza absoluta se ele a olhava com segundas e terceiras intenções, pra valer, mais do que só ficar, mas tinha quase certeza. Seu coração disparava só de pensar. E se ele fosse só o cara mais legal do universo? Ela até tinha tentado falar com a mãe a respeito, mas ela logo começou com aquela ladainha toda de que ela tinha que se vestir como uma mocinha, e não daquele jeito esculachado. Quando a mãe começava com aquele





mimimi infernal, Chiara só faltava explodir. A maior parte do tempo elas não se bicavam e não entravam em acordo nas conversas. A mãe impunha a ela uma estética que não existia mais! Um saco. Chiara girou pela sala sem saber muito o que fazer. Se ia lá falar com Pedro ou se jogava os dados e esperava ele vir falar com ela. Aí o coração disparava e a barriga gelava. E se uma daquelas piriguetes pegasse o Pedro antes de ele chegar até o meio da sala? Tá, tudo bem que eram só dez passos até onde ela estava, mas tanta coisa podia acontecer entre aqueles dez passos. Chiara fingiu tomar controle dos nervos e sentou no braço do outro sofá. Logo ao seu lado tinha outra pegação. Dois amigos estavam se beijando escandalosamente. Beijar era o jeito bonitinho de comentar a situação. Chiara riu lembrando o jeito que Jéssica falava quando via aqueles amassos violentos. Ela diria que o menino e a menina estavam já “quase fornicando” no sofá. O safado do Gabriel estava enfiando a mão por baixo da blusa da Nara e ela, esgrimando, beijando e esgrimando, impedindo que ele subisse os dedos gulosos.

— Gabriel! — gritou Chiara.

Os amigos pararam um segundo com a pegação e olharam para ela, soltando um sorriso matreiro cada um e voltando aos beijos.

Os olhos dela viraram para a porta. Pedro estava olhando para ela, com aquele sorriso delicioso. Ela sentiu a barriga gelar imediatamente e girou a cabeça para o lado, fingindo que procurava alguma coisa em Jéssica, que tinha apanhado o joystick do game e voltado ao jogo. Ó angústia! Chiara torceu os lábios e olhou de novo para Pedro. Ele vinha andando em sua direção. “Até que enfim!”, pensou.

— E aí, Chiara! Quanto tempo não te vejo.

— E aí, Foguete. Pois é, você vive escondido agora.

— É, né? Mas isso vai acabar hoje.

— Eu vi na TV mais cedo. O julgamento vai ser hoje, né?

— Na verdade está sendo bem agora. Minha mãe voltou pra lá.

— Sua mãe vai condenar o cara mais filho da mãe do Brasil.

— Vai, sim.

— Posso dizer uma coisa, com todo o respeito?

Pedro sorriu de novo e ficou olhando nos olhos da amiga, chegando mais perto.

— Você pode dizer o que quiser pra mim, Chiara. Até sem respeito.

Chiara sabia que ficara vermelha naquele exato momento. Suas bochechas ardiavam e ela sentiu o peito encher além da conta com a respiração entrecortada. Por que ele estava tão pertinho? “Maldito seja você, Pedro Keller Varedda, por fazer me sentir uma adolescente bobona e apaixonada”. Chiara poderia beijá-lo num piscar de olhos.





— Eu vou dizer, mas é com respeito. Hahaha! — dissimulou.

— Manda.

— Sua mãe, cara, sua mãe é muuuuito foda. Ela é a mulher mais foda que eu conheço.

— É. Temos nossas diferenças, mas eu sei que ela é foda.

— Não é só por hoje que eu estou falando.

— Ah, é? Está falando do quê então?

— De tudo que ela está fazendo, de tudo que ela fez até aqui, em nome do seu pai.

— Hum, você gosta de uma mulher vingativa, então?

Chiara enrijeceu o corpo no braço do sofá, endireitando a coluna e deixando-a reta, ficando com os olhos quase na mesma altura dos olhos dele. Ela meneou a cabeça negativamente enquanto imaginava se ele também sentia todo aquele tsunami de sensações assolando seu corpo e sua mente quando ela chegava perto.

— Não. Ela fez isso por amor. Por amor ao seu pai. Ela faria qualquer coisa por amor. O amor faz essas coisas com a gente.

Pedro abriu um sorriso leve que foi crescendo e, então, ele riu enquanto Chiara se ordenava mentalmente mil vezes para calar a boca. Aquilo já tinha soado ridículo o suficiente, e era assim que começava: ela falava uma bosta, depois outra, e outra, e outra.

Pedro foi se aproximando do rosto dela. Seu coração batia rápido. Ele podia sentir o calor das bochechas da garota. Ele fechou os olhos e, no segundo seguinte, já estavam com os lábios colados. Como a boca dela era deliciosa! O beijo surgiu de uma forma fantasticamente natural. Como se aquelas bocas já tivessem se beijado zilhões de vezes. Ele, encantado com a doçura e com o volume dos lábios dela. Ela, hipnotizada pelo frenesi de paixão e desejo e pela firmeza das mãos dele, uma em sua cintura, outra em seu pescoço. Ambos parecendo flutuar ali naquela sala, onde tudo ao redor desapareceu. Não havia mais Hidra a ser batida, não existiam mais traficantes no encalço de alguém, não estava ali a chata da Vanessa nem as preocupações de casa. Foi uma experiência mágica até que os lábios se descolaram e o mundo voltou a existir. Pedro baixou os olhos primeiro. Seu irmão estava ali ao lado dele, parado, olhando. Chiara olhou para o outro lado e encontrou Jéssica, que estava de boca aberta. A amiga começou a dizer coisas só movendo os lábios, sem emitir som algum. Chiara tomou ar e piscou os olhos. Pedro soltou sua cintura e virou-se para o irmão. Ergueu os ombros como quem pergunta “O que foi?”. No fim deu dois passos e alcançou Breno, passando a mão em sua cabeça, o que o deixava furioso porque o fazia se sentir um bebê. Breno deu um tapa na mão de Pedro.





— Se acalma, moleque. Vai dar um rolê pela casa, quem sabe você não descola uma boca bonita pra beijar. Tá na hora, já.

— Até parece.

— Vai, carinha, você é boa-pinta. Confia nos teus cabelos vermelhos. Hahaha!

Breno passou por Pedro e sentou no sofá onde Jéssica estava com o controle do game nas mãos.

— Esse jogo é velho, né? Eu li uma matéria especial dele na *Gameworld* on-line.

— *Shadow of the Colossus* não é velho, Foguetinho. É um clássico!

— Deixa eu jogar? No site falavam que era muito bom — pediu o garoto, já estendendo a mão.

— Deixa eu morrer primeiro, “forgado”?

Breno deu de ombros.

— Se te consola, eu sou uma merda jogando isso aqui. Morro rapidão.

— Tá.

— Sabia que você é bonitinho?

Breno ficou calado olhando para a garota sem saber se ela falava a verdade ou se estava de onda com a cara dele. Deu um sorriso no final e depois virou-se para a tela da TV.

Pedro olhou para Chiara. Ela ainda estava olhando para o lado, evitando seus olhos. Pedro ergueu o queixo da menina com o nó do indicador.

— Olha aqui.

Ela resistiu um pouquinho e acabou cedendo, virando o rosto.

— Já estou olhando.

— Olha aqui, no fundo dos meus olhos.

Chiara corou pela milésima vez. Aquilo era desconcertante e desconfortável.

— Faz tempo que eu queria te dar esse beijo.

— E por que não deu, então?

Foguite deu de ombros.

— Marquei touca?

Chiara fez que sim com a cabeça e saiu do braço do sofá.

— Marcou touca legal. Eu já tô pagando pau pra você faz um tempão.

Pedro abraçou Chiara. Um abraço bem apertado. Ouvir aquilo era como um bálsamo para toda a tribulação que trovejava em sua cabeça; era a chegada da calma, a bonança do bem-querer correspondido. Se ainda não a tinha, ao menos parecia uma vida feliz começando naquele instante. Chiara tinha um cheiro bom nos cabelos curtos e na pele. Cheiro de menina. Um odor que penetrava e o esquentava. Queria ficar mergulhado naquele abraço para sempre, esquecer que tinha se esgueirado para fora de casa para ter ao menos uma noite por sua conta,





sem ter que encarar os olhares dos amigos quando passavam como se ele fosse um alienígena porque estava escoltado por agentes da Polícia Federal.

— Não me aperta assim que eu gamo.

— Faz tempo que não me sinto assim.

— Assim como?

— Você cheira gostoso — desconversou.

— É? Me cheira de novo, depois de um downhill na lama. Aí a gente se fala.

— Por que a gente não vai para um lugar mais calmo que essa sala?

— Danadinho. Quer ficar sozinho comigo, não é? Minha mãe não deixa.

— A minha também não. Não percebeu que eu estou sem os policiais na minha cola?

— Eu notei, sim. Já ia te perguntar.

— Vem por aqui.

Os dois deixaram a ampla sala de estar e passaram pela sala de jantar até encontrar um jardim de inverno. Dali, Pedro guiou Chiara pela escadaria de madeira que levava ao segundo piso da residência até chegarem a uma pequena sala de TV. A grande tela estava ligada, e o canal de notícias exibia uma matéria sobre a São Paulo Fashion Week, que pouco interessou aos adolescentes. No segundo seguinte estavam aos beijos, deitados no sofá. Pedro por baixo e Chiara em cima dele, beijando-o desesperadamente. Num rápido intervalo ela parou e ficou olhando para a cara dele.

— Que foi?

— Você é um danadinho mesmo.

— Por quê?

— Como é que você conhece tanto assim a casa da Vanessa?

Pedro riu um bocado e sentou-se.

— Ué? Isso já é ciúme do namorado, é?

— Hum, além de danadinho é apressado. Quem disse que estamos namorando? Por enquanto você é só o meu peguete.

— Hahaha! Peguete nada. Agora que você caiu nas minhas garras não vou dar mole pra mais ninguém. Pode colocar uma aliança de compromisso aí nesse dedo.

— Para de me enrolar, Foguete. Explica, como é que chegou aqui nessa salinha assim, na maior facilidade?

— Eu estudo com a Vanessa desde que me entendo por gente. Já fiz altos trabalhos aqui nesta salinha. A dona Jú trazia altos suquinhos e bolinhos pra nossa galera.

— Altos trabalhos? Sei. Você dava era altos catos aqui neste sofá, isso sim.





- Ihh, já vi que você nem conhece a Vanessa tanto assim.
- Já ouvi umas historinhas dela. O suficiente pra não gostar.
- Você pode até não gostar dela, mas nunca vai precisar sentir ciúmes.
- Do que você está falando?
- A fruta que eu gosto, dona Chiara, a Vanessa chupa até o caroço.
- Não!
- Sério.

Chiara levantou-se no sofá e ergueu as mãos.

- Você tá brincando, certo?
- Tô nada. Ela é superchegada numa mina.
- Ai, que ódio!

A garota, enervada, andava de um lado pro outro enquanto falava.

— Por que isso agora? Você, toda descolada, vai dar uma de homofóbica agora?

- Não, não é nada disso, tontão. Eu curto gays.
- Você também?

— Cala a boca, Foguete! Tô dizendo que eu tenho um monte de amigos e amigas gays, mas, tipo, é de bom-tom a pessoa te falar, ao menos quando se é menina. Não acredito que a Vanessa é gay, cara. Ela já me viu pelada!

— Como é que é?

— Uma vez, na escola, eu tomei um caldo na piscina, com mochila e tudo. Fui voada para o vestiário da educação física. Cara, ela tava lá e eu pedi pra ela me ajudar a torcer meu uniforme. Porra! Ela me viu peladinha.

— Aposto que ela adorou.

Chiara deu uma série de tapas no ombro de Pedro.

— Vamos combinar uma coisa, gatinha?

— O quê?

— Primeiro beijo, depois briga.

Pedro agarrou novamente Chiara pela cintura e a puxou para o sofá, retomando os beijos na boca da garota, agora descendo também para o pescoço dela, que ficou imediatamente arrepiada.

— Meu Deus... Como isso é bom — gemeu ela.

Pedro agarrou a nuca de Chiara sem dar chance para ela tomar ar.

— Assim você me mata, Foguete.

— Fala menos e beija mais, Chiara.

A garota sentiu outro frio na barriga quando ele sussurrou seu nome baixinho no seu ouvido. A sessão de amasso só terminou quando da TV veio uma notícia que chamou a atenção do jovem ruivo. Pedro sentou-se no sofá e afastou Chiara, que tentava beijá-lo mais uma vez.

— Espera. É minha mãe.





Uma repórter falava da frente do fórum.

— Voltamos aqui ao vivo da frente do fórum criminal Mário Guimarães, na Barra Funda, onde está sendo julgado o traficante Djalma Aloísio Braga, o Urso Branco, alcunha que o criminoso ganhou após a rebelião no presídio de Urso Branco, em Rondônia. Os populares aqui ao redor do fórum fazem questão de aguardar a notícia da condenação do réu, em primeira mão, demonstrando o forte apoio à perseguição que a promotora Raquel Keller Vareda iniciou após o assassinato de seu marido, Davi Vareda, em emboscada que ela lutou para provar ter sido idealizada e executada pelo traficante e seus capangas. Depois de cinco anos de muita luta, finalmente a promotora Raquel...

Repentinamente a imagem desapareceu, dando lugar a um chuvisco e, segundos depois, uma tela preta.

— Putz, que saco! — protestou Pedro, levantando-se e procurando o controle remoto.

Chiara sentou-se e arrumou a blusinha colada ao corpo.

— Tá aqui — disse a garota, pressionando a tecla de canais. — Mas não está funcionando.

Pedro aproximou-se da TV e deslizou os dedos pela lateral, procurando os botões. Quando encontrou e alternou as emissoras, nada, só chuviscos.

Pedro tirou o celular do bolso. Sem sinal.

— Chiara, dá uma olhada no seu cel. Vê se tem sinal.

A menina obedeceu de pronto. Olhou para o display, e o desenho da antena estava apagado.

— Sem sinal. Como você sabe?

— Breno...

Chiara viu Pedro deixar a sala aflito sem dar qualquer tipo de resposta. Ela correu atrás dele, descendo as escadas de madeira, cruzando a sala de jantar e voltando para a frente da TV. Viu Pedro passar a mão pelos cabelos ao não encontrar o irmão ali no sofá.

— Você viu o meu irmão? — perguntou para Gabriel.

Gabriel, que continuava aos beijos com Nara, apontou para a porta que dava para a piscina.

Correram para lá. Nada. Pedro circulou a piscina e abriu um portãozinho que dividia o alambrado junto a uma alta cerca de sansão do campo. Um estrondo como um trovão fez o ar vibrar.

— O que foi isso? — perguntou Chiara.

Os dois ficaram olhando para o céu. O som parecia ter vindo bem do alto.

As nuvens e as estrelas continuavam lá. Latidos de cães subiram das casas.

Pássaros revoaram no céu escuro. Algo de muito esquisito estava acontecendo.

— Olha.





A menina, que tinha atravessado o alambrado, apontava para uma brasa viva que tinha acendido e agora sumia.

Os dois tomaram um caminho de pedras desenhado no gramado e chegaram a um jardim. Ouviram a voz de Jéssica cantarolando, pausadamente. Breno estava lá, sentado na frente dela. Ela deu uma tragada longa num cigarro e soprou a fumaça em direção ao irmão mais novo. Pedro, investido de espírito protetor, parou na frente do irmão.

— Vamos embora.

— Por quê?

— Já olhou seu celular?

Breno levantou-se do chão espalmando as mãos e livrando-as dos pedriscos que afundavam na pele. Apanhou o aparelho.

— Sem sinal.

— O meu tá assim, o da Chiara. Olha o seu, Jéssica.

A garota obedeceu prontamente. Digitou alguns números e colocou o aparelho no ouvido. Nada. Um silêncio profundo.

— Vamos embora — disse Breno.

— Por que essa noia com os telefones? — quis saber Jéssica.

Os meninos começaram a responder em movimento, perseguidos pelas garotas.

— Minha mãe sempre diz para verificarmos os celulares. Se todos estiverem sem sinal, é porque eles estão usando um aparelho para bloquear o sinal e evitar que nós ou os agentes da Federal peçam ajuda. Estão preparando uma armadilha pra pegar a gente.

— Eles? — inquiriu Chiara.

Pedro parou e se virou.

— É. O pessoal do Djalma está atrás da gente.

— Aqui? No condomínio?

— Eles não dão moleza. Eles podem entrar em qualquer lugar.

— Liga pros seus seguranças, então, pelo amor de Deus — clamou Chiara.

— Como, se todos os celulares estão mudos?

— Ô, vacilão, antes do celular existia uma parada que se chamava telefone fixo, lembra não? Vem comigo?

O trio passou a seguir Jéssica, que voltou para a grande casa de Vanessa.

O furgão branco com uma fotografia de palhaço adesivada de cada lado estacionou na frente do portão. O motorista baixou o vidro e exibiu seu rosto maquiado, com um nariz vermelho postiço sobre o verdadeiro.

— Alô, o palhaço chegoou — bradou, brincalhão.





Ninguém respondeu no interfone. Olhou para a guarita e viu três seguranças zanzando de lá pra cá. Uma fila crescente de carros encostando atrás do seu e nas guaritas de saída também. Olhou para o lado de dentro do imenso condomínio, mais meia dúzia de seguranças andando pelas cancelas, e dois deles em cima de motos. Alguma coisa estava acontecendo. O palhaço olhou para trás e gesticulou para os outros seis palhaços sentados. Um deles veio para a parte da frente e também olhou. Os seguranças da guarita olhavam para as telas de TV. A maioria delas estava apagada ou emitindo chuviscos. Voltou para trás e ficou calado.

Finalmente um dos seguranças apareceu na janela da guarita.

— Tá indo aonde, chegou?

— Festa da Bianca, casa do senhor... — o palhaço fez uma pausa e pegou um papel no banco ao lado, colocou um par de óculos e passou o dedo no papel.
— Senhor Amadeu. Rua Pitanga, número 423.

O segurança apanhou uma prancheta e percorreu os avisos de acesso permitido até encontrar o recado da festa da dona Bianca.

— Tá chegando tarde, não tá, não?

— Não é festa de criança, chegou. O seu Amadeu contratou um show diferente para o aniversário da esposa. Um show bem diferente. Somos palhaços strippers. Hahaha! — O segurança olhou para dentro e para o chefe da equipe de vigilância.

— Libera, libera. O nome dele tá aí na prancheta?

— Tá.

— Deu pau nos interfones, telefones, tá tudo fora do ar. Libera que senão vai virar uma quizumba aí na frente que não vamos dar conta.

O segurança da janela se voltou para o palhaço e apontou a cancela.

— Sabe chegar lá?

— Sei.

— Bom trabalho, palhaço — brincou o segurança, sarcástico.

O motorista acelerou, e o furgão atravessou os muros do condomínio. Já tinha estado ali duas vezes andando pelas ruas para saber que aquele condomínio era um dos mais bem protegidos da cidade e que não teria melhor jeito de entrar ali do que daquela forma, como prestador de serviço. Olhou para os comparsas no banco de trás, eles já estavam com as armas nas mãos, prontos para a investida derradeira contra aquela vaca ruiva. Ela condenaria Djalma, mas não ganharia aquela batalha sem mais um pouco do gosto de sangue descendo pela garganta.

O motorista subiu duas ruas, em direção à residência do Amadeu para despistar. Conseguir colocar o nome na lista de visitantes tinha sido fácil. Um pouco de esforço da Sardenta nas redes sociais, logo o velho Amadeu estava





babando pela comparsa, que conseguiu descobrir que a esposa do Amadeu fazia aniversário e era chegada em baladas “alternativas”, como danceterias de swingers, clubes de mulheres e toda sorte de showzinhos eróticos para apimentar a relação dela e dos amigos do casal. Então tinham ligado oferecendo um show de strippers como cortesia de um clube de swingers para promover a casa. Caíram como pato e colocaram o nome da equipe na lista de prestadores de serviços autorizados. Carlos olhou pelo retrovisor sem encontrar nenhum carro de segurança em seu encaixe. Encostou a van no meio-fio e abriu o porta-luvas tirando uma pistola Glock .40. Apanhou o celular e digitou o número da Sardenta, a mulher do chefe. Ela que estava no comando da operação. O combinado era que ela ligaria caso tivessem que abandonar a missão, e nenhum sinal tinha vindo do comando até o momento. Mesmo assim ele tomou a iniciativa de ter a confirmação, quando ele dobrasse a rua não teria volta. Iria ser ou tudo ou nada contra a casa da promotora. Ela estava longe, no tribunal, enquanto seus filhos estariam no lar, protegidos por um bom número de agentes. Evidentemente, que os homens da Federal estariam preparados, armados e alertas até os dentes, mas o plano de ataque surpresa era bom, teriam uma boa chance de cravar um punhal no peito da “urubuzona”. O silêncio no outro lado da linha era total. Não chamava, não caía na caixa postal, nada. Um branco perturbador. Olhou para o display. Sem sinal.

— Bosta. Isso é hora pra ficar sem sinal? Me empresta o seu aí, Marcião.

O homem no banco de trás tirou um aparelho do bolso do casaco. Carlos apanhou e olhou para a tela. Também sem sinal.

— Enfia no rabo essa merda! Tá sem sinal! — reclamou, jogando para trás.

— Acalma os nervos aí, patrão. Deixa eu ver o outro aqui.

Marcião vasculhou o casaco procurando outro aparelho.

— Eu ando com três celulares aqui. Um de cada operadora, já pra não ter zica.

Logo o bandido estava com mais dois aparelhos na mão e um rosto descontente.

— Mas parece que não é nossa noite de sorte, Carlos. Tá tudo zoadado, tudo sem sinal.

Os bandidos, como que ensaiados, foram revirando suas coisas e conferindo os aparelhos. Ninguém tinha sinal.

Carlos apertou as mãos no volante. Em geral, quando todas as operadoras estavam fora do ar, era trabalho de algum embaralhador de sinal. O lance é que normalmente eram eles que faziam isso, quando iam começar um assalto ou coisa do tipo. Talvez a Federal tenha ficado esperta... Mas não teriam permissão de ligar um bloqueador ali, num bairro residencial, o tempo todo. A vizinhança já teria caído no fígado da promotora, certeza. Deixa um bando de burguês





sem luz, internet ou celular para ver a bagunça que se arranja. Carlos coçou a cabeça e olhou para os comparsas. Marcião, com peruca de palhaço, soergueu as sobrancelhas.

— Ninguém tem sinal nessa porra? — perguntou irritado.

Os seis palhaços, mais os três homens escondidos no compartimento atrás do banco, já tinham conferido. Todos fora do ar.

— E aí, chefia? Tamos na tua fita.

— Lembrem do que eu falei, é tiro na cabeça. Esses cabruncos aí andam só de colete.

— Fechou.

— Vamo que vamo?

— Não é melhor esperar a ligação do Comandante? — perguntou Adilson.

— Tá tudo sem sinal, sabichão. Como é que vou esperar por uma ligação se isso aqui não tá funcionando? Não podemos ficar aqui morgando no meio da rua. Os seguranças fazem patrulha a todo instante. E se sairmos do condomínio não podemos voltar mais tarde. Não tamo fazendo entrega de pizza, sabichão.

Carlos olhou para Adilson pelo retrovisor. Fora a ridícula peruca amarela cobrindo a careca, encontrou os olhos mansos do capanga. Ele tinha aquela cara de peixe morto, mas era um dos bandidos mais sangues-frios com que já tinha trombado na vida. Sabia por que ele estava com aquela cara e por que lançara aquela pergunta que, à primeira vista, tinha parecido tonta. Djalma seria preso. O ataque que estavam prestes a fazer, à la Jihad, caso fosse bem-sucedido, renderia baixas nos dois lados. Policiais federais feridos e mortos de um lado, dois ou três de seus homens do bando tombados do lado de cá. Tudo isso para cumprir uma promessa e fazer valer a palavra de Djalma Urso Branco. Para mostrar que, mesmo preso, o traficante continuaria tocando o terror do lado de fora. Adilson tinha dito que aquilo era birra e não valia o esforço. Depois daquele atentado, matando Polícia Federal e matando duas crianças, seriam caçados até o fim. Carlos tinha rebatido que tanto fazia se aquilo fosse feito para saciar o ego do Djalma ou se de fato seria encarado como uma mensagem de guerra. Pouco importava. O lance é que tinha aceitado o dinheiro do traficante para encarar aquela pedreira. Recebera um bom cascalho, mais as armas que tinham trazido. Não era pouca coisa. Adilson tinha também resmungado que eles eram assaltantes de banco, não assassinos de crianças. Que aquela coisa de invadir casa para matar criança era um pouco demais. Já tinha sido ele quem apagara o marido da promotora, cacete! Carlos convenceu o parceiro do crime a fazer mais essa. E aquele olhar que ele lançava de trás, junto da pergunta, era só para cavar uma brecha, mostrar uma oportunidade legítima de deixar tudo para trás.

— O cara falou que ia ligar, meu irmão. Eu tô achando muito sinistro esse negócio de não ter sinal aqui — tornou Adilson.





Carlos continuou com os olhos no retrovisor, mirando cada um dos capangas. Eram nove dos melhores atiradores e psicopatas assaltantes de banco, com ele formavam dez mercenários. Na casa tinha uns seis agentes, mais os dois moleques.

— Vamo que vamo? — perguntou Carlos mais uma vez.

Os bandidos continuaram em silêncio, retirando suas fantasias e perucas, mantendo apenas a maquiagem sobre o rosto que acabaria por encobertá-los diante das câmeras de vigilância. Sem abrir o bico, diziam, eloquentes que não queriam tomar partido de Carlos nem de Adilson. Eles que resolvessem o destino. Se fossem para cima, iriam para cima. Estavam ali para isso, para sentar o dedo nos federais. Se voltassem para casa, ótimo. Voltariam todos vivos, que o Carlos se virasse com o Comandante depois.

Pedro entrou na sala mais uma vez. Não demorou para localizar o aparelho de telefone sem fio. Pressionou a tecla de discagem para liberar a linha. Sinal de ocupado.

— Saco. Não tá funcionando também — reclamou, nervoso, olhando para o irmão e para Chiara.

— Isso não está me cheirando bem, Pedro.

— Calma, Breno. Ainda não sabemos o que está acontecendo, ok? Pode não ser nada.

— Celular fora do ar, telefone sem funcionar e até a televisão. Eu já vi isso nos filmes, mano. Eles estão aqui, atrás da gente.

— Breno, se acalma.

— Me acalmo o escambau! Precisamos voltar pra casa correndo. O Flávio nem sabe que a gente saiu.

— Exato. Nem a polícia nem os bandidos. Como eles iam saber que estamos aqui, Breno?

— Não sei, Pedro. Não sei. Só sei que esses caras descobrem tudo. A mãe sempre diz: na dúvida, não vacile.

Chiara e Jéssica ficaram olhando, alternando de irmão para irmão a cada fala. Jéssica ainda fumando, dando tragadas rápidas e nervosas.

Breno andou até a janela da sala de Vanessa e olhou para a rua escura.

— O que a gente faz agora, Pedro?

— Melhor tomar uma bronca por causa da fuga do que ficar de bobeira. Você mesmo disse, mano. Na dúvida, não vacile.

— Vamos voltar pra casa, é isso?

— Agora.

— A gente vai com vocês, nunca vi um esporro da Polícia Federal. Hahaha! Deve ser da hora — brincou Chiara, puxando Jéssica pela mão.





— Melhor não, meninas. A coisa está estranha. Não estou gostando dessa história de o celular não funcionar.

Jéssica soltou uma baforada suavemente no rosto de Pedro e falou:

— Se o bicho pegar, a gente cuida de você, Foguete.

Pedro sorriu e balançou a cabeça.

— Tá, venham. Mas tomem cuidado. Qualquer coisa esquisita, corram, para bem longe da gente.

Finalmente Carlos decidiu-se pela grana e pelas armas e pisou no acelerador.

— Tiros na cabeça. Se fizerem isso, vai dar tudo certo.

Carlos tinha passado pela frente da casa da promotora uma dúzia de vezes disfarçado de corredor. Tinha vindo com a Vandinha. Como ela era novinha, se passava fácil por filha ou namoradinha de empresário abastado, coisa que pululava naqueles condomínios. Umás três vezes pararam quase na frente da casa da promotora fazendo alongamentos, sem despertar qualquer suspeita nem nos federais nem na segurança patrimonial. Sempre tinha pelo menos um policial Federal na varanda da casa. Tinha visto dois rostos diferentes. Numa das vezes viu o carro no qual o motorista levava os garotos para a escola, um Ford Fusion preto. Com a porta da garagem aberta, viu que havia, lá dentro da garagem, uma porta de serviço. Portão de madeira automatizado, com motor que o fazia se levantar e descer mecanicamente, e afastado uns cinco metros da calçada. A julgar pela posição da frente da casa, a porta de serviço deveria passar por uma cozinha, e depois estaria no meio da sala. Numa outra volta pôde ver, pela janela aberta por um dos garotos, uma escada. A escada que levava para o segundo piso. Quantos policiais ficavam de prontidão, nunca soube exatamente. O que se sabia e se estimava por conta de entrevistas que colheu na rede é que coisa de seis policiais acompanhavam os meninos dia e noite. Eles não podiam pôr o nariz na varanda sem estar de colete à prova de balas e dois cães de guarda cada um, armados com uma .40. Não era difícil ver agentes portando fuzis nos carros de apoio. Por isso seu bando trazia fuzis também. Como diziam por aí, ia ser briga de cachorro grande. Coisa rápida. Entrar, executar, sair. Tudo bem que a data inspiraria cuidados extras nos agentes, mas o avançado da hora, a noite feita e a monotonia dariam alguma cobertura ao seu plano. A essa altura do campeonato os agentes já deveriam achar que o bando do Djalma estava vencido. Se a inteligência da Federal estivesse ligada nos capangas do Urso Branco, não contariam com uma ação vinda de um grupo de fora, de assaltantes de banco, de mercenários contratados para o crime. O plano ia funcionar. Uma mistura fina de simplicidade e ousadia. Usariam o furgão como aríete, arremessando-o contra o portão de madeira da garagem. Desceriam do furgão e tomariam o





corredor rapidamente. Era imprescindível chegar até a sala o mais rápido possível. Seu bando ficar preso no corredor seria um atestado de burrice. Enquanto seis ganhavam a casa, quatro se dividiriam, dando cobertura do lado de fora, tomando posições estratégicas. Qualquer pessoa que saísse, qualquer pescoço que aparecesse nas janelas, ia tomar bala. Entraram na rua vagarosamente. Tudo manso e de acordo. A tensão foi crescendo a cada respiração dos bandidos.

— Liguem os rádios! Agora não tem volta — avisou Adilson.

Todos pressionaram o botão do aparelho que só poderia ser ligado quando estivessem chegando, para evitar a varredura dos agentes federais. Os homens não brincavam em serviço, ainda mais quando a mídia estava dando o maior cartaz para o caso de proteção da promotora Raquel, um paladino de saias, travando uma luta terrível contra o narcotráfico brasileiro. O som do motor acelerando fez uma carga de adrenalina ser lançada no sangue de cada um daqueles soldados.

— Segura! — gritou Carlos.

O furgão, como previsto, varou o portão de madeira com grande estardalhaço. A porta do lado direito ficou enganchada em restos de madeira e ferro, prensada contra o Ford Fusion que estava estacionado. Imaginando contratempos, Carlos tinha exigido um furgão com duas portas. A do lado esquerdo deslizou suavemente, dando vazão aos bandidos.

Carlos não era do tipo que se intimidava em combates, foi o primeiro a alcançar a porta de serviço. Silêncio. Girou. Trancada. Fez um sinal para Marcião, que enfiou o pé, fazendo a porta voar do batente. Carlos puxou o pino de uma granada e soltou a trava.

— Eu amo isso aqui.

Arremessou o artefato para o fim do corredor, uma explosão infernal de luz clareou a garagem, e só depois que o chefe gritou os homens voltaram a abrir os olhos. Carlos e Marcião iam lado a lado. Dois agentes estavam de pé, atirando na direção do corredor, às cegas. Carlos fez pontaria e abateu os dois. Os tiros cessaram, e Marcião avançou para a sala enquanto uma rajada de disparos foi ouvida do lado de fora da mansão.

— Menos dois! — gritou o bandido.

Celso e Adilson vinham logo atrás. Uma porta se abriu no corredor, à esquerda, surpreendendo a dupla. Um disparo. Celso caiu mudo. Adilson encostou na parede, rente à porta aberta, e pressionou o rádio.

— Aqui atrás.

Quando o braço do agente Federal, empunhando uma pistola, apareceu no corredor, Adilson já tinha soltado seu fuzil e agarrado uma faca. Com sua frieza parceira das horas de agonia, agarrou o punho do agente, puxando-o para perto e cravando a lâmina em sua garganta. O agente conseguiu efetuar dois





disparos, mas logo tombou sobre Celso, soltando a pistola e levando as mãos ao cabo da faca enterrada em sua traqueia. Adilson apanhou a pistola caída e a enfiou no bolso; em seguida, virou o policial que tremelicava lutando contra a gadanha da morte, que ia chegando de mansinho. Puxou a faca com tudo, limpando-a no colete do verme e guardando-a na bainha mais uma vez. Olhou para o corredor, Marcião tinha desaparecido e não tinha voltado quando pediu ajuda pelo rádio.

Um quinto bandido, que chegava pelo corredor, logo atrás de Adilson, fez um sinal para a porta aberta a sua frente. O rapaz recostou-se à parede e foi caminhando lentamente, de lado, e olhou para dentro, fazendo outro sinal para Adilson, que entrou. Era uma cozinha. Um prato sobre a mesa com um pouco de macarrão. Sprite. Estava vazia. Voltou para o corredor e para a sala. Carlos e Marcião não estavam mais lá. Correu até a janela. Podia ver um dos seus parceiros lá fora. Pressionou o rádio.

— Onde você tá, Carlão?

Nenhuma resposta. Virou-se para o garoto que o acompanhava.

— Você ouviu minha voz no rádio?

O garoto fez que não com a cabeça.

— Merda. Até o rádio não funciona.

Adilson olhou para o chão da sala. Dois policiais caídos, mortos, tiros certos na testa. Gesticulou para o seu companheiro e subiram as escadas procurando os comparsas. Chegando no último degrau, parou, escutando. Passos adiante. O corredor estava claro, havia cinco portas, duas à direita, duas à esquerda e uma no final do corredor. Esta última estava fechada. Adilson sabia que ali não era o melhor lugar do mundo para ficar. Se tivesse um policial do outro lado da porta, ele poderia abrir fogo às cegas contra a porta de madeira e derrubar todo mundo. Caminhou até a primeira porta à sua direita e entrou rapidamente. Quarto de moleque. A cama estava vazia. Suspirou com certo alívio. Ele não queria encontrar nenhum dos garotos. Estava ali para dar apoio ao Carlos, e só. Não queria ser ele a puxar o gatilho para matar porra de criança nenhuma.

Pedro subia a rua e olhava insistentemente para o celular enquanto avançavam. Tinha parado umas duas vezes e olhado para trás, para as sombras. Poucos carros passavam, posto que era dia de semana, e torcia para que uma viatura do condomínio passasse por ali. Ninguém no bando do marginal iria pensar que os irmãos estivessem à solta pela rua, sem seguranças, mas podiam ter algum tipo de informante que tinha visto saindo de casa apenas os dois, e agora estivessem por ali, tentando encontrá-los. Pedro não queria assustar ainda mais o irmão, então sorria para ele, dissimulando sua preocupação nas duas





vezes em que um carro virou a rua vindo em direção a eles. Do primeiro carro ele reconheceu o motorista. Um carinho da sua rua que estava com a namorada. Eles sempre saíam tarde da noite. Dois minutos depois desceu mais um carro de passeio. Ele veio bem devagar, com a luz alta, deixando-os completamente cegos. Pedro colocou Breno atrás de si, protegendo-se atrás de uma árvore. As meninas ficaram coladas ao muro da casa por onde passavam e não respiraram até o carro cruzar o asfalto em frente a eles. O ar esfriou ao redor daquele grupo, parecendo congelar aqueles segundos. Pedro olhou para dentro do carro sem reconhecer quem dirigia. Só não tinha gostado daquela velocidade, vagarosa, demorada, como se ali dentro o motorista procurasse por ratazanas fúgitivas pelas calçadas. O carro dobrou a esquina sem parar, dissipando aquela atmosfera: medo mesclado à expectativa.

— Vamos — comandou Pedro.

Continuaram subindo. Cães ladravam aqui e ali. Cada fachada daquelas imensas casas de condomínio fechado que conseguiam cruzar era uma vitória que os deixava mais perto da salvação. Pedro olhava para o irmão e as amigas, tentando passar alguma confiança e se alimentar de alguma energia positiva. Em troca, porém, tudo o que encontrava nos olhos do irmão e, em consequência, das garotas era um temor velado que fazia o vazio em seu estômago crescer. Chegaram em mais uma esquina. Pedro deixou os olhos correrem pelos quatro cantos do fim do quarteirão. Um cruzamento era o lugar onde ficariam mais expostos a um atirador. Seu pai tinha morrido assim, em uma emboscada covarde, armada por assassinos escondidos.

— Rápido! Não fiquem parados aqui!

O som dos passos da turma ecoaram pela esquina. Outra vitória. Só mais um quarteirão e estariam lá.

Continuaram subindo. Breno sorriu quando viu a luz da sala de sua casa acesa, lá em cima, no quarteirão, do outro lado da rua. A rua em que estavam, ao seu final, formava um T, acabando exatamente na frente da casa deles. Antigamente a mãe gostava de ficar na janela do quarto dela olhando para baixo, dava pra ver quase o condomínio todo ali do alto.

— Falei que não era nada — disse Chiara. — Já estamos chegando.

— É — murmurou o garoto.

O sorriso da turma se diluiu e se transformou em perplexidade quando viram uma van com desenho de palhaço na lateral passar no final da rua. Ela parecia que ia simplesmente cruzar o campo visual deles. O que manteve os olhos dos garotos grudados nela não foi a cara do Bozo estampada no veículo, mas o fato de ele, repentinamente, dar uma guinada para a esquerda e entrar na calçada que dava na garagem da casa sem reduzir a velocidade, cantando os pneus. Ouviram, pelo ronco do motor, a van acelerando ainda mais em vez de





parar e, num segundo, o barulho do impacto quando ela se arrebentou contra o portão de madeira, provocando um estardalhaço espetacular que fez com que todos os cães do condomínio começassem a latir.

— Que foi isso? — perguntou Jéssica, ajoelhando-se.

Todos ainda estavam tomados por um torpor, uma perplexidade que enregelava o sangue e também anestesiava os músculos, mantendo-os cativos daquele momento, forçando-os a testemunhar a terrível verdade que se desenrolava diante de seus olhos. Homens armados com fuzis estavam pulando dos carros, esparramando-se pela garagem, e ao menos um deles vinha em sua direção!

Pedro abaixou-se, sendo imitado pelos outros, beneficiando-se dos arbustos e da folhagem do salgueiro plantado no jardim da casa da esquina.

— Vamos sair daqui, Pedro!

O garoto tinha os olhos arregalados e agarrava o pulso do irmão.

— Pedro! — gemeu Chiara, entredentes, sufocando um grito.

Ainda encurvado, ele caminhou de costas alguns passos. Estava escuro, mas viu quando a porta da área de serviço foi arrombada. Os homens encapuzados jogaram alguma coisa no corredor. Um alarme em sua mente disparou.

— A gente tem que sair daqui.

O homem que caminhava da frente da sua casa até o meio da rua na direção do grupo já tinha virado de costas e olhava para os lados. Lançou um olhar para a esquina onde estavam escondidos, mas, por pura sorte, não pareceu enxergá-los. Ele tinha o rosto maquiado de palhaço, o que lhe emprestava um aspecto bastante sombrio naquele cenário.

Nesse momento o quarteto prendeu a respiração e praticamente se transformou em sombra. Jéssica começou a gemer e Chiara tapou a boca da amiga. Foram passo a passo se afastando. Tinham que dar o fora dali de qualquer jeito. Pedro puxou Breno e Jéssica para o gramado. Os arbustos faziam agora uma cerca completa, não tinha como serem vistos. Só precisavam do silêncio para pensar em um jeito de desaparecer do foco do perigo. Dois disparos fizeram com que os quatro, ao mesmo tempo, estremecessem. Eles se entreolharam de forma nervosa. Pedro pensou nos agentes que tinha deixado para trás na casa. Se os tivesse chamado para a festa da Vanessa não estariam lá agora.

— Eles são bons. Vão acabar com esses caras — falou Chiara, baixinho, parecendo ler seus pensamentos.

Pedro fez um sinal de silêncio e depois outro para que se levantassem. Ouviu barulho às suas costas. Uma fresta de uma janela foi aberta. Os vizinhos curiosos começavam a espreitar. O bom é que logo chamariam a polícia e os bandidos seriam cercados. O ruim é que talvez aquela janela em particular chamasse a atenção do mercenário que estava mais próximo a eles. Estavam prestes a sair dali quando a rua foi inundada pela luz amarela do giroflex da viatura





da guarda patrimonial. Um Renault Mégane, caracterizado com adesivos com o logotipo da empresa, um brasão na forma da cabeça de um lobo-guará, subia em alta velocidade com o motor roncando. Os garotos mais uma vez se abaixaram para não chamar a atenção. O carro parou numa freada ruidosa a poucos metros de distância, derrapando de lado, à direita dos adolescentes. O veículo foi recebido à bala pelo inusitado palhaço que portava um fuzil. A coisa toda parecia não ser real. As balas zuniam e perfuravam o capô e o para-brisa do carro. Pedro viu a luz de ré do Mégane se acender, e mais uma rajada de tiros acertou o veículo, quebrando um farol e arrancando o retrovisor do lado do motorista. O carro deu ré desgovernado na direção do quarteto.

— Cuidado! — gritou Pedro, puxando o irmão.

Chiara e Jéssica tombaram para o outro lado e correram para trás do veículo estacionado na casa da esquina, buscando proteção. A janela da casa se fechou com estrépito. Certamente os moradores estavam apavorados. A coisa de dois metros de distância de onde estava, Pedro viu a porta do Mégane se abrir e o motorista descer, cuspidando sangue. Seu rosto estava escurecido e coberto de sangue, apenas um olho era identificável no meio da bagunça que tinha se transformado sua cabeça. Ele tombou na calçada e olhou para os dois garotos. Olhou para o palhaço e ergueu a arma, quando finalmente foi atingido por mais uma saraivada de tiros. O palhaço ficou parado no meio da rua, e uma explosão de luz escapou da casa dos meninos. Pedro já tinha visto aquilo no cinema. Era uma granada de luz usada para atordoar o inimigo em invasões. Simultâneo ao seu pensamento o som de mais tiros veio de dentro da casa, para azar dos agentes federais e sorte dos garotos na calçada, visto que o palhaço assassino virou-se em direção aos tiros. Pedro arriscou um olhar para trás, na varanda superior surgiu outro dos mercenários, que ficou olhando para a rua. Pedro tinha a respiração entrecortada e a cabeça voando a mil. Não sabia se os agentes da Federal tinham sido dizimados ou se saíam vitoriosos daquele ataque. Não sabia quanto tempo duraria aquele tiroteio e tentava imaginar o que aconteceria quando a ficha dos invasores caísse e eles percebessem que os alvos daquele assalto não estavam lá. Logo entrariam no quarto e perceberiam que, em vez de corpos, tinha só dois pares de cobertores e travesseiros enrolados sob as mantas. Muitas dúvidas e uma única certeza. Não podiam ficar parados ali. Ouvindo o gemido e o choro das garotas e do irmão Pedro, pediu calma. Arrastou-se em direção à viatura da segurança privada e só conseguiu ver o bico do veículo parado no meio da rua. Abaixou-se mais um pouco, evitando sair da proteção do tronco da árvore, e viu a mão ensanguentada do segurança.

— Matei eles! — gritou o bandido no meio da rua.

O grito fez os garotos estremecerem. Pedro ficou com o ouvido alerta e, ainda mergulhado nas sombras, tentou ver onde o homem estava. Se ele entras-





se na casa, poderiam arriscar a corrida até a portaria. Até lá eram dois longos quilômetros. Talvez o melhor fosse voltar para a casa da Vanessa e torcer para o telefone fixo ter voltado a funcionar. O coração do garoto batia disparado, olhava a todo instante para Breno e para as meninas. Jéssica estava agora com duas cascatas negras descendo pelo rosto por culpa das lágrimas que lavavam sua maquiagem. Chiara estava com um olhar atônito e incrédulo, como se aquilo fosse irreal ou só mais uma cena dentro dos violentos jogos de videogame de que ela tanto gostava. Pedro voltou a olhar para a rua e viu o homem com o fuzil parado no meio do asfalto. Uma distância de no máximo vinte metros os separavam. Um gemido mais alto poderia ser escutado. Por sorte os cachorros não paravam de latir. O garoto levantou os olhos e viu o homem da varanda, também maquiado, balançar a cabeça. Um terceiro surgiu na varanda, consternado e nervoso, que revelou:

— Os garotos não estão aqui. Viemos aqui só pra nos fodermos.

Pedro e Breno não respiravam. Se o palhaço desse mais dez passos para a frente, poderia encontrá-los na hora.

— Eles estão por aqui. Pode apostar. Vamos revirar cada canto dessa casa e desse lugar. Se os federais estavam aqui é porque eles não estão longe — gritou o primeiro da varanda.

— Você sabe o que aconteceu com os rádios? Não estão funcionando! — foi a vez de o palhaço em frente à casa perguntar.

Pedro não ouviu nenhuma resposta. Seus olhos foram para dentro da viatura. No banco do passageiro estava o corpo do segundo vigia, que não tivera nem tempo de reagir. Estava ainda preso ao cinto de segurança, com a cabeça tombada para a frente. Os ouvidos de Pedro estavam agora focados nos passos do palhaço que se afastava. O som cadenciado do motor do Mégane cobriu o ar por alguns segundos até ser sobreposto pelo barulho de uma moto subindo a rua, o que fez Pedro se enregelar pela milésima vez. A motocicleta subia pela rua de trás. Certamente outro segurança desavisado que seria alvejado assim que pintasse no fim da rua. Pedro viu a porta da frente da casa abrir e mais três daqueles homens saírem.

— Vai lá ver se aquele cara no carro morreu mesmo — gritou um deles para alguém.

Sem querer, o garoto apertou o braço do irmão mais novo, apreensivo. Os olhos dos dois se encontraram. Breno estava com a figura do pavor estampada no rosto. Eles viriam até o carro. Eles os encontrariam, e era isso, o fim. Seriam executados a tiros de fuzil, ali, no jardim da dona Nina.

— Tira a gente daqui, Pedro. Eu não quero morrer.

Pedro agora tremia dos pés à cabeça. Seu coração estava quase pulando pela garganta. Tinha que dar um jeito. Tinha que lutar. Podia fazer alguma coisa





para chamar a atenção daqueles marginais e fazer com que fosse seguido. Chiara conseguiria levar Breno e Jéssica para um lugar seguro. A moto estava chegando e criaria um segundo de distração entre os bandidos.

— Chiara... — murmurou o rapaz.

Chiara olhou para o namorado e balançou a cabeça em sinal negativo, com se adivinhasse só pelo olhar que Pedro lhe deu.

— Você precisa levar eles para algum lugar. Bata em qualquer porta e peça ajuda. Só tire o meu irmão daqui.

— Pedro... — choramingou o irmão. — Não, Pedro.

— Você que tem que levar a gente, Foguete. — sussurrou a menina.

— Eu distraio eles e você foge com o Breno e a Jéss. Vai dar tudo certo.

— Pedroooo... — chorava o irmão mais novo. — Não vai... Fica.

Pedro olhou para a rua por entre as folhas oblongas do salgueiro. Os homens estavam olhando na direção da esquina. Finalmente a motocicleta surgiu com a luz dos giroflex lambendo as paredes das casas. O palhaço do meio da rua ergueu o fuzil e efetuou disparos. A moto bambeou, mas não caiu, o motociclista conseguiu virar e iniciar a fuga. Os bandidos correram na direção da esquina. Pedro estava tonto de tanta tensão. Não tinha pensado em fazer aquilo por se sentir um super-herói. Faria aquilo porque era tudo ou nada. Se ficasse ali parado esperando, ele e seu irmão seriam mortos. Fazendo aquilo daria chance para que ao menos Breno vivesse. Do contrário, toda a luta da mãe seria vazia e sem sentido. Contudo, quando todos os bandidos correram, atraídos pelo infeliz vigilante, Pedro teve outra visão. Uma chance brilhou diante de seus olhos num átimo. Foi nesse momento, sob o signo do desespero, que Pedro fez a coisa mais ousada de sua vida. O garoto correu até o carro fuzilado e pulou no banco do piloto. Olhou para o câmbio, desembreou o carro e pisou no acelerador só para ter certeza de que o motor estava ligado. Sentia câimbras no estômago, sua voz quase não saiu quando precisou gritar:

— Vem, Breno, vem!

Olhou para a rua. Ainda estavam atirando contra o motoqueiro que tinha caído e se refugiava entre um ou outro carro estacionado para o lado esquerdo da casa.

— Vem! — gritou.

Breno estava paralisado de medo. Só conseguiu se levantar quando a mão de Chiara agarrou seu braço e o puxou, abrindo a porta de trás do Mégane.

Um tiro acertou o capô. Depois mais dois ou três.

— Entra!!! — gritava Pedro a plenos pulmões.

Chiara bateu a porta traseira assim que conseguiu puxar as pernas de Jéssica sobre si.





Pedro tentava engatar a primeira marcha, mas só se ouvia o ronco do arranhar do câmbio. Então o carro engatou e Pedro pisou fundo no acelerador, girando o volante sem conseguir completar a curva, subindo no gramado da casa do outro lado da rua. Tiros acertaram a lateral do carro, e o vidro do passageiro traseiro esquerdo explodiu em mil pedaços. As meninas gritavam, e o irmão chorava. Seus olhos ardiam e mais faíscas espocavam do lado de fora. Pedro finalmente conseguiu tirar o carro da calçada pisando fundo no acelerador. Passou para a segunda marcha e pisou novamente, fazendo com que seu corpo colasse no banco do motorista. Desceu a rua praticamente desgovernado. Ele sabia dirigir. Tinha dirigido algumas vezes o Fusion, mas ele era automático. Sua mãe nem sonhava que o motorista já tinha deixado ele conduzir meia dúzia de vezes. Contudo, dirigir naquelas condições, para salvar a própria vida, era outra coisa. O coração continuava praticamente pulando da garganta.

Marcião tirou a toalha do braço de Carlos. O sangue tinha empapado tudo. Quando olhou para a ferida, balançou a cabeça.

— Velho, você precisa ir para o hospital agora mesmo. Isso é sangue arterial, e tá saindo bastante. O filho da mãe te acertou direitinho.

— Não tenho tempo pra hospital agora, mané. Já tomei mais de quatro tiros e não morri — resmungou, voltando a pressionar a ferida com a toalha.

Pulou o corpo do Zeca e voltou até o quarto da urubuzona. Adilson estava na varanda atirando.

— Que zona é essa?

— O menino da urubuzona.

— Que que tem?

Carlos adiantou-se, empurrando Adilson, espremendo-se na porta e chegando na varanda a tempo de ver a luz de um carro descendo a rua a toda velocidade. Cheiro de borracha queimada e pólvora.

— Eles estão naquele carro?

— Acho que são eles. Dois moleques ruivos, mais duas minas.

— Vamos atrás, agora!

Carlos saiu do quarto, agora desviando do corpo do agente Flávio. Voou pelas escadas de posse do seu fuzil com Adilson no seu encaço. Correu para a rua e gritou:

— Vambora, cambada! Os moleques tão fugindo!

Os homens que estavam na rua voaram para dentro da van ainda aberta. Carlos pulou no banco do motorista e começou a dar ré, mas o veículo arrastou pedaços de madeira e ferro, queimando pneu e não saindo do lugar.





Adilson, do lado de fora, passou a mão nervosamente na cabeça. Não tinham pensado nisso quando imaginaram a estratégia. A van poderia ficar danificada ou presa. Era justamente o que estava acontecendo.

Carlos, respirando com dificuldade, desceu do veículo e contornou o Ford Fusion. Abriu a porta do motorista. As chaves estavam lá.

— Dirige aí, parceiro. Vamos embora na viatura da urubuzona. Deve ser até blindada essa porra.

Adilson ligou o carro e engatou o drive, saindo da garagem sob o som de metal arranhando. A lateral do Fusion ficou imprestável, mas ao menos tinham um carro de fuga. Dos homens engajados na missão restavam seis. Carlos estava ferido, sentado ao lado do motorista, Marcião, e no banco de trás, Bigode e Cabral, enquanto Fernando corria para a moto abandonada pelo segurança. Logo o grupo descia a rua no encalço do Mégane avariado, deixando para trás os corpos de quatro comparsas mortos no combate com os federais.

Pedro pisou no freio, fazendo o carro derrapar quando chegou na portaria, encontrando dois carros da segurança bloqueando a entrada e a saída. Sete seguranças estavam ali, com armas em punho, gritando para que descessem com as mãos na cabeça.

Pedro desceu primeiro, gritando:

— Eles estão vindo atrás da gente! Eles querem matar a mim e ao meu irmão!

De pronto reconheceram o filho da promotora, baixando as armas. Os olhos dos seguranças estavam arregalados, perplexos.

— Eles mataram os dois que estavam nessa viatura e o da moto também. Eles virão pra cá, liguem pra polícia, pelo amor de Deus. Eles mataram os agentes da Polícia Federal.

— Calma, filho. Calma.

— Eles estão com fuzis e granadas, não vieram pra brincadeira.

Dois seguranças circularam o carro.

— Pode descer — disse um deles para Breno.

Pedro voou para o carro, alarmado.

— Não! Não faz ele descer. Ele está em choque. Deixa meu irmão quieto. Liguem pra polícia.

Um dos seguranças estava imóvel, olhando para o cadáver no banco do passageiro.

— Ele tava vivo agora há pouco.

Pedro ficou olhando para o homem incrédulo. Ouviu o motor descendo a rua. Era um carro negro. Era o Ford Fusion!

— São eles!





Pedro esgueirou-se para dentro do Mégane semidestruído e, ainda com a porta aberta, engatou a marcha e pisou no acelerador, fazendo os seguranças saltarem para os lados, com armas em punho, ainda.

Os seguranças começaram a atirar contra o carro negro que se aproximava, enquanto o Mégane com Pedro e seus amigos batia no bico de uma das viaturas e forçava passagem para a rua.

De dentro do Ford Fusion começaram a vir disparos pelas janelas. Os seguranças descarregaram sua munição na lataria do sedã, e depois tiveram que pular no chão, buscando proteção de vasos e colunas quando o chumbo grosso do revide começou a rugir de dentro do carro. Para sorte dos bandidos e azar dos agentes patrimoniais, o carro da promotora era, como previsto, blindado.

Pedro ganhou a avenida que interligava vários condomínios residenciais e pisou fundo no acelerador, trocando de marcha como podia, fazendo um ronco pavoroso escapar do motor. Percebeu que tinha que passar a marcha mais uma vez, e logo estava em quarta, fazendo o Mégane voar baixo no asfalto; precisava virar a direção hidráulica com cuidado, tentando manter o carro na pista. Buzinas faziam com que ele trocasse de pista assustado. Desacostumado a buscar veículos nos retrovisores, não sabia se as luzes que encontrava eram dos carros em que ele estava quase batendo ou se já eram dos bandidos em seu encalço. No banco de trás as meninas gritavam a todo instante, conforme ele trocava de faixa e fazia o carro rabejar na pista. Num segundo de reflexão teve certeza de que as buzinas eram de outros motoristas ameaçados por ele, os bandidos jamais dariam sinal de sua presença. Quando alcançassem seu carro iriam é metralhar os ocupantes. Pedro acionou o limpador de para-brisa sem querer e não conseguiu mais desligá-lo. A iluminação que o carro fornecia era precária, provavelmente um dos faróis tinha ido para o espaço. Na curva os pneus cantaram. Uma lágrima descia de seu rosto. Pensava na mãe e no pai. Sabia que aquele inferno poderia explodir ao seu lado mais dia, menos dia. Só queria que as coisas voltassem a ser como eram antes de o pai morrer. Queria acampar com seu pai. Queria perder o medo do mar e aprender a surfar com ele. Queria ser um bom irmão para Breno. Queria fazer um bolo de cenoura com a mãe. Mas o tempo não voltaria nunca. As coisas jamais voltariam a ser como eram antes. Jamais.

— Larga a mão de ser vacilão, Adilson! Passa pelo buraco que o moleque fez! Se a gente perder esse moleque, a gente tá na roça, meu irmão.

— Atira então que eu passo!

Carlos abriu um pouco sua janela, o suficiente para passar o cano do fuzil. Começou a disparar, poupando munição, procurando um segurança aqui e ali.

— Vai logo, malandro! Essa porra tá blindada, ninguém vai te acertar, não, seu cuzão. Eu já tô arregaçado aqui e não tô com medo. Mete o pé! — reclamou o líder ferido.





Adilson acelerou e cruzou o portão, resvalando os lados do largo Fusion, mas ganhando a avenida. Pisou fundo no acelerador. O garoto tinha pelo menos um minuto de vantagem. Mas, dirigindo daquele jeito, logo estaria à vista.

Adilson olhou pelo retrovisor, vendo Fernando chegar à portaria com a moto e tombar, provavelmente atingido pelos seguranças. Agora não era hora de heroísmo. O amigo que fosse esperto e se entregasse, porque, se parasse agora, nunca mais encontraria o carro com as crianças, e certamente seria ele quem pagaria aquela fatura.

Carlos abriu o porta-luvas do Fusion e sorriu logo com o seu primeiro achado.

— Olha isso aqui.

Adilson deu uma olhada rápida para a mão do amigo. Era uma foto dos garotos e de um cara. Talvez o pai morto deles ou algum peguete da mãe.

— Vou chegar no carro dos moleques com essa foto aqui. Pra não ter erro.

— Pra onde você vai, Pedro?

O garoto olhou pelo retrovisor. Já estava se acostumando com o espaço do carro. Encontrou os olhos vermelhos de Chiara.

— Precisamos achar uma viatura de polícia, um batalhão da PM, qualquer coisa.

Pedro viu a placa de acesso à rodovia Castello Branco.

— E se formos pra Castello? Tem a polícia rodoviária — sugeriu Pedro.

— Não me pergunta nada. Não me pergunta nada.

Chiara estava desesperada. Jéssica chorava baixinho.

— Como tá o meu irmão?

Chiara olhou para Breno. Ele estava encostado na porta, com o quadril no assoalho do carro, os olhos azuis brilhando no escuro.

— Ele tá quietinho, mas tá bem.

— Você tá bem, Breno? — perguntou Pedro.

Breno balançou a cabeça, sem emitir som algum.

— Ele disse que está! — berrou Chiara, olhando para trás pela centésima vez.

Pedro olhou para o lado. Só agora voltava a tomar ciência de que transportavam um cadáver no carro. A cabeça dele estava caída pra frente. Sangue pingava de seu queixo. Ele tinha uma pistola na mão.

— Ele tá morto? — perguntou Chiara.

Pedro olhou para ela pelo retrovisor.

— Tá.

— Ele era legal com a gente.

Pedro olhou de novo para o segurança. Era o Alencar. Gente boa. Sempre orientando a molecada. Enchia o saco por causa da onda de cigarro na boca de





adolescentes que tinha se alastrado no condomínio. O Alencar tinha moral com a molecada porque, apesar das duras, nunca caguetava ninguém, só tomava os cigarros. Uma vez ele pegou o Gabriel com maconha. Não caguetou, mas falou um monte para o moleque, que até chorou.

— Lembra daquela vez do Gabriel? — perguntou ela.

— Tava pensando nisso agora.

— Ele nunca mais fumou. — A voz dela estava entrecortada pelo choro.

— Ele não merecia morrer. Mó cara gente boa.

— Pode crer.

Pedro pegou o acesso à rodovia Castello Branco. Respirou fundo.

— Chiara, se a gente sair dessa, eu queria namorar você. Pra valer.

Chiara enxugou a lágrima do rosto e sorriu. Pôs a mão no ombro de Pedro e apertou firme. Foi aí que um ronco forte surgiu do lado direito do carro, e o mundo todo girou.

Pedro perdeu o controle do carro quando foi tocado pelo Fusion do lado direito. O carro bateu perto da sua roda traseira, e o Mégane estava numa curva, entrando na rodovia, levando-os praticamente para a salvação. O volante escapou de suas mãos, e a frente do carro girou com tudo para a direita, rodopiando até estourar no guard-rail. Os airbags inflaram e a buzina disparou. Pedro não conseguia se mexer. O pescoço doía infernalmente. Não conseguia ver nada à sua frente. O capô do Mégane tinha levantado, e uma cortina de fumaça se formara ao redor. O corpo do Alencar tinha sido jogado contra o encosto do banco pela explosão do air-bag e agora pendia para a frente novamente. Pedro ouvia a buzina do Renault, enguiçada e disparada continuamente, como se estivesse a quilômetros de distância, habitando outra galáxia.

O Fusion freou do outro lado da pista, retomando o controle. Carlos, no banco do passageiro, ria.

— Te falei que a gente alcançava o pivete. Hahaha! Vai lá, Adilson. Finaliza eles.

Adilson, quando esteve na varanda, chegou a ter o garoto na sua mira. Atirou no capô do veículo e no farol dianteiro. Jamais mirou no garoto de verdade. Não queria matar aquela molecada.

— Cê tá ligado que eu sou pai e essa parada de criança não é comigo, Carlão. Se quer o menino morto, vai lá e passa ele você mesmo.

Marcião e Bigode ficaram calados, olhando para o carro do outro lado da pista. Uns carros minguados passavam pelo acesso, reduzindo a velocidade, sem parar, atraídos pelo acidente. Cabral foi o primeiro a desembarcar, do lado esquerdo, direto na pista.





De dentro do veículo Carlos ainda olhava para a cara do desobediente.

— E anda logo antes que pinte polícia. Os vigias do condomínio já devem ter ligado até pro FBI, hahaha! — brincou Adilson.

— Tu é uma bichona mesmo, hein? Só porque é um moleque não quer puxar o gatilho?

— Eu tenho cinco crianças em casa, ô infeliz. Minha menina mais velha tem justamente a idade desse porra aí. Eu não vou matar criança, e ponto final. Quer ele morto? Faz você.

— Não tem televisão na sua vida, não, meu chapa? Cinco? Vai foder assim na casa do caralho.

Carlos abriu a porta e soltou o fuzil no banco do passageiro. Ficou olhando para o carro. Só dava para ver o garoto ruivo se mexendo, tentando abrir a porta. O resto do carro parecia um túmulo, envolto em fumaça que saía de todos os cantos. Jogou a toalha ensanguentada no capô do Fusion e tirou o .38 do coldre, de olho na rodovia. Esperou um caminhão passar e então atravessou calmamente, fazendo seus passos estalarem contra o asfalto e os cacos de vidro, barulho encoberto pelo som da buzina disparada do Renault. Contornou o carro pela frente destruída. Deu uma tragada longa no cigarro e olhou para a corneta da buzina. Deu um tiro no aparato, fazendo o silêncio voltar para a pista. Olhou novamente para o Fusion parado do outro lado e balançou a cabeça.

— Agora, sim.

Entendia muito bem o Adilson, para falar a verdade. Eles eram assaltantes de banco, não assassinos de crianças. Acontece que ele estava na vida bandida, não podia ficar escolhendo demais os serviços. Quando Djalma visse o que ele tinha feito por ele, filho da mãe nenhum no crime de São Paulo ia se meter com a turma dele. Carlos soltou a fumaça pelo nariz e jogou o cigarro no chão. Seu braço latejava, e a hemorragia tinha sido tão brava que às vezes parecia que ia desmaiar. Marcião e Bigode também desceram para dar cobertura. Os dois também tinham entendido e deixaram os fuzis no carro para não chamar ainda mais a atenção. Tinham que agir rápido. Carlos se aproximou quando o garoto finalmente abriu a porta.

— Aonde vai, chapinha?

Pedro, com sangue escorrendo pela testa e uma corrente de dor varrendo seu corpo a cada movimento, não conseguiu se levantar do banco, mexer os pés ou responder nada. Não conseguia se virar para trás. Era como se sua coluna tivesse sido arreventada ao meio. A dor no pescoço e nas costas era insuportável. Queria falar com o irmão, pedir perdão. Queria falar com Chiara e com Jéssica e acalmá-las. Ouvia o choramingo das meninas, mas não escutava o irmão.

— Breno... — sussurrou.





Carlos passou pela porta e olhou para o banco de trás através da janela estourada. Duas meninas enrodilhadas, choramingando. Uma no banco, a outra no chão do veículo, com o ruivo mais novinho. Sorriu irônico quando viu o corpo do segurança atado ao cinto de segurança.

— Cintos salvam vidas. Hahahaha! Aaaai, hoje eu tô afiado, nego!

Os outros capangas riram da graça. Bigode fumava um cigarro, encostou a mão na lataria perto do porta-malas, do lado esquerdo do veículo, olhando para dentro. Marcião foi para a frente observando para o estrago que tinham feito no Mégane. O bichão estava crivado de balas. Enquanto isso, Cabral ia para o meio da pista, também absorvido pela cena do acidente. Pedacos de lataria, cacos de vidro e fluidos vazando para todo lado.

Carlos coçou o rosto e tirou a fotografia do bolso do jeans, voltando-se para a frente. O menino, que tentava virar-se no banco do motorista, tinha conseguido colocar um pé para fora. Devia estar bem machucado. Alinhou a fotografia com o rosto do menino e fez uma careta.

— Olha, garoto, se te consola, posso dizer que você foi muito bem. Me deu mais trabalho do que aqueles agentes federais. Serião. Tu é marrento. Puxou àquela piranha da tua mãe.

Choro dentro do carro. Carlos endireitou o corpo. Pensou ter ouvido sirenes. Fechou os olhos e entortou a cabeça para a esquerda. Eram sirenes mesmo.

— Acabou a festa, garoto. Desce do carro.

Pedro não conseguia se mover.

Carlos o agarrou pelos cabelos e o puxou para fora. O garoto soltou um grito de dor agudo e penetrante. As meninas gritaram apavoradas. Chiara apertou Breno entre suas mãos, não deixando o menino se levantar. Do lado de fora, junto à porta do motorista, Carlos chutou um dos joelhos do rapaz, fazendo-o se ajoelhar.

— Sua mãe não tinha nada que se meter com gente da nossa laia, garoto. A culpa de você estar aqui, de joelhos, é toda dela. A culpa de eu te enfiar um carço de oitão nos teus cornos, xará, é toda dela.

O bandido ergueu o revólver e o encostou na têmpora do garoto. As meninas ganiam baixinho, desesperadas, assustadas. Os comparsas do assassino olhavam para os lados, vendo se algum veículo se aproximava.

Carlos puxou o gatilho e houve uma explosão dupla. A dor no braço era tão presente que ele demorou para entender o que tinha acontecido. Ele não tinha puxado o gatilho duas vezes. Viu o corpo do garoto tombar para a frente, sangrando com o tiro na cabeça, pedacos de pele balançando e, no segundo seguinte, enquanto o mundo escurecia, ele também caiu.





Incrédulo, Marcião, do outro lado do Renault, deu um passo à frente até a porta do passageiro e puxou o gatilho, metendo uma bala na cabeça do segurança, mandando-o de vez para o inferno, enquanto ouvia o barulho da cápsula expelida por sua pistola quicando no asfalto. O putto do segurança moribundo tinha atirado em Carlos e apontado a arma para trás, entre o banco e a janela, acertando Bigode no meio do peito. Marcião virou-se para o Fusion e ergueu os ombros.

— Caraca, Adilson! Você viu o que o putto fez?

Adilson abriu a janela blindada e deu uma rajada de disparos de fuzil, abatendo Marcião e Cabral.

— Vi. Vi, sim. Isso é pra vocês aprenderem a não matar crianças.

Adilson fechou o vidro e pisou no acelerador, deixando aquele cenário de desgraças para trás.

Chiara, pelo som do motor, soube que o Fusion estava indo embora. Um instante depois, e tudo estava quieto. Ela foi a primeira a se levantar. Jéssica choramingava, em choque, deitada no banco. Breno também tremia, com as mãos tapando os ouvidos. Ela desceu, e o vento frio daquela noite maldita chicoteou sua pele. Ao lado do carro, junto à porta de passageiros, o corpo de um homem com longos e grossos bigodes jazia. Fechou a porta para conseguir passar pelo espaço estreito entre o carro e o guard-rail. O homem que tinha falado com Foguete estava estrebuchando no chão. Chiara levou a mão à boca para não gritar. Foi até o lado dele e se abaixou, pegando o revólver que ainda estava em sua mão. Com lágrimas caindo pelo rosto viu o corpo de Pedro estirado no asfalto, logo à frente do Mégane. Chiara jogou a arma para o lado e apanhou do chão a fotografia que Carlos tinha tirado do carro da promotora. A menina arrastou os pés até Pedro, o seu amor. Ela se ajoelhou ao lado dele aos prantos. Ao lado da cabeça do rapaz havia uma piscina de sangue. Sua pele estava fria, seu rosto, pálido e seu corpo, imóvel. Com esforço ela conseguiu virá-lo de frente. Os olhos dele não respondiam aos seus. Chiara sentiu uma dor funda no peito. A boca de Pedro estava azul. Ela estava vendo o garoto que amava tanto morrer na sua frente. A menina soltou um gemido de dor e agonia, incrédula com tudo aquilo que estava acontecendo. Baixou a cabeça sobre o peito frio de Pedro, chorando. Foi aí que ele respirou fundo uma vez, e um som gutural escapou da garganta do menino. A saliva borbulhava em sua boca. Ele estava vivo! Ela gritou e se levantou. Chiara correu para o meio da pista e caiu de joelhos com os braços erguidos. Um carro freou em cima da garota. Uma mulher desceu aflita, deixando o pisca-alerta ligado.

— Vocês bateram? — perguntou a mulher, erguendo Chiara.





Chiara só chorava. A mulher, preocupada com a menina que poderia ser atropelada, puxou-a, retirando-a da pista e encostando-a no Mégane destruído. Olhava para o rosto da menina, tentando acalmá-la, quando viu a cena ao lado. Levou as mãos aos lábios, aflita, assustada com os corpos ensanguentados no chão.

— Leva meu namorado pro hospital, dona. Ele está morrendo.

